



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, para o jornal O Dia, do Rio de Janeiro**

Publicada em 14 de abril de 2009

Jornalista: O senhor continua com a mesma disposição de mexer na poupança, como manifestou em março? A idéia do governo é mexer com os rendimentos de todos os poupadores (a grande maioria tem investimentos de até R\$ 2 mil) ou apenas com os investidores de maior volume da poupança. Se for com os de maior volume, qual seria esse teto e como seria o novo rendimento?

Presidente: Nós estamos desenvolvendo uma política de redução dos juros com o objetivo de baratear o crédito para os consumidores e o setor produtivo, o que é fundamental para atenuar os efeitos dessa crise econômica. E temos que harmonizar essa medida, que é fundamental para o país, para o seu crescimento econômico, com a manutenção dos ganhos da poupança. Por isso, estamos estudando com muita atenção e cuidado as maneiras de manter a poupança como um instrumento sólido e atrativo para os pequenos poupadores e, ao mesmo tempo, de adequá-la à nova realidade de juros mais baixos no país. Queremos encontrar mecanismos para que o pequeno investidor fique protegido. A área econômica está fazendo estudos sobre o assunto e em breve discutiremos as mudanças.

Jornalista: O senhor investe suas economias na poupança, em fundos de investimento ou no mercado de ações?

Presidente: Com as responsabilidades que tenho como presidente da República, eu não posso fazer nenhuma declaração que possa influenciar a



população em relação a este ou àquele tipo de aplicação. Minha atuação tem que ser no sentido de melhorar a economia como um todo, de fazer o país crescer para criar novos postos de trabalho, e de crescer com distribuição de renda, com a redução das desigualdades sociais e regionais. Com um país mais equilibrado, com maior justiça social e com bom índice de crescimento econômico, todos ganharão com as aplicações, principalmente as que forem no setor produtivo.

Jornalista: Que novos investimentos o governo federal planeja para o Rio de Janeiro?

Presidente: O Estado do Rio de Janeiro, pela sua importância para o país em vários setores, e pelas demandas acumuladas, tem recebido um apoio substancial do nosso governo em todas as áreas. Só no PAC, estão sendo destinados ao Rio um montante de recursos de R\$ 94 bilhões até 2010 e de R\$ 112 bilhões após 2010. São investimentos em rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, metrô, habitação, saneamento, usinas hidrelétricas, gasodutos, refinarias, exploração e produção de petróleo e gás, com destaque para o Arco Rodoviário, o Trem de Alta Velocidade entre Rio e São Paulo, Aeroporto Tom Jobim, indústria naval, Complexo Petroquímico – COMPERJ –, exploração do pré-sal, urbanização das favelas da Rocinha, Manguinhos e Complexo do Alemão. Nesse momento estamos discutindo recursos para obras de drenagem para minorar as enchentes na capital e em toda a Região Metropolitana.

Jornalista: O senhor acredita que a insistência do prefeito Lindberg Farias em ser candidato ao governo do estado do Rio possa atrapalhar a aliança com o PMDB na eventual chapa com Dilma Rousseff para presidência da República e ainda sua aliança com o governador Sérgio Cabral, que já anunciou ser candidato à reeleição?



Presidente: É muito cedo ainda para a gente tratar dessas questões. Nessa altura do campeonato eleitoral, os partidos ainda contam com muito tempo para as articulações, antes de bater o martelo e definir as alianças e as candidaturas. É perfeitamente normal, nesta fase, que os partidos ainda estejam definindo propostas, estudando suas forças e a dos possíveis aliados e divulgando seus eventuais cabeças de chapa. Mesmo que não haja entendimento, e eu acredito que haverá, a aliança nacional permanece. Já houve casos semelhantes, nas últimas eleições municipais, de partidos da base aliada saírem com candidaturas concorrentes e isso não prejudicar a aliança nacional. Eu, de minha parte, estou muito mais preocupado nos dias atuais em trabalhar o tempo todo para atenuar os efeitos da crise, discutindo e aprovando medidas que evitem o desemprego e que possam garantir índice positivo de desenvolvimento. As articulações visando as próximas eleições ficam a cargo dos partidos da base aliada e eu estou confiante na sua capacidade de negociação e de entendimento.

Jornalista: O senhor se arrepende de ter considerado a crise financeira mundial apenas uma "marola" para o Brasil?

Presidente: As previsões sobre a profundidade e a duração da crise mundial estão sendo refeitas pelos especialistas, desde os primeiros sintomas da crise, quase que diariamente. Quantas vezes os economistas já refizeram seus cálculos? Eu já perdi a conta. Além do mais, os dirigentes de grandes instituições bancárias, com suas equipes de pesquisadores e de economistas, não conseguiram prever, até às vésperas, que uma crise destas proporções estava a caminho e sequer que eles próprios estavam indo pro vinagre. Como de fato foram, levando junto os seus palpites infelizes, sem nenhum fundamento, sobre a nossa economia. E hoje eu reafirmo que aqui no Brasil a situação, embora não seja tranqüila, é muito menos preocupante do que a de



países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, já não adianta injetar recursos no sistema bancário, a única saída possível é a estatização. Aqui, nossos bancos permanecem sólidos. Enquanto lá, uma potência do setor automobilístico chega a dizer que a quebra pode ser a “melhor opção”, no Brasil, a indústria automobilística está batendo recordes. As vendas de veículos neste primeiro trimestre foram 3,15% mais altas do que no primeiro trimestre de 2008. E já há vários outros sinais de recuperação. Por exemplo, o consumo de energia elétrica, que é um dos indicadores mais precisos do nível de atividade econômica, cresceu 2,9% em março, comparado com fevereiro; confirmando essa tendência, o IBGE constatou que em fevereiro houve crescimento da produção industrial em nove das catorze regiões pesquisadas; o setor de construção civil, antes mesmo da implementação do plano de 1 milhão de casas, já retomou, em fevereiro, o mesmo nível do emprego que havia antes da chegada da crise econômica. A situação está resolvida? Claro que não, mas há vários outros sinais muito animadores, o que faz com que as nossas previsões tenham ficado mais próximas da realidade do que as dos alarmistas.

(\$31DHKL)